

Resenha do livro:

XAVIER, Maria do Carmo (org.). Clássicos da educação brasileira, Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. 224 p. (Coleção Pensar a Educação, Pensar o Brasil).

**Resenha de Jailton Alves de Oliveira e Tamires Farias de Paiva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - FAPERJ**

Neste interessante exercício de resenhar um livro, que inclui uma ação reflexiva, retomamos traços do primeiro volume da série *Clássicos da Educação Brasileira*, organizado pela professora Maria do Carmo Xavier. Publicado em 2010, pela Mazza Edições, trata-se do primeiro livro que compõe os dois volumes que integram a série *Clássicos* da coleção *Pensar a Educação, Pensar o Brasil (1822-2022)*. A coleção mencionada está associada ao projeto de mesmo título, sob a coordenação do pesquisador Luciano Mendes de Faria Filho, no qual docentes e discentes de distintas universidades, como Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Pontifícia Universidade Católica – PUC-MG e Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, debruçam-se sobre estudos acerca do lugar da educação nos projetos de construção do espaço geopolítico do Brasil. Constituiu-se, desta feita, um empreendimento interessante para retomar necessárias reflexões sobre a história de nossa educação e as contribuições de intelectuais engajados na causa educacional brasileira.

Este primeiro volume dos *Clássicos* reúne resenhas, de diferentes pesquisadores, sobre obras publicadas entre 1930 e 1960 por intelectuais que acreditavam na transformação social via escola pública. O livro possui 222 páginas, divididas em 10 estudos que contam com o envolvimento de onze docentes escritores. Na apresentação do livro, os professores Luciano Mendes e Maria do Carmo, justificando a organização, produção e importância das resenhas apresentadas no mesmo, demonstram claramente suas inquietações a respeito de um suposto descaso. Tal descaso, apontado por estes pesquisadores, refere-se ao fato de considerarem que as obras resenhadas, consideradas *clássicas*, não receberam a devida importância, por parte de alguns intelectuais contemporâneos, ao se debruçarem sobre estudos envolvendo a formação do Brasil. Para estes pesquisadores, esse *esquecimento* esteve envolto em relações de poder que acabaram por excluir estes autores e obras dos diferentes estudos da educação brasileira.

Em *Introdução do Ensino da Escola Nova*, livro de autoria de Lourenço Filho, publicado em 1930, os pesquisadores Diana Vidal e André Paulilo, apresentando sujeito e lugar de produção na primeira parte do texto, destacam a trajetória intelectual e política do educador e psicólogo paulista. Como compêndio de lições dadas em diferentes cursos, diferentes espaços ou “estados adiantados do país”, a obra de Lourenço Filho, que alcançou 13 reedições no Brasil, “[...] suscitou debates e estudos críticos fundamentais à moderna tradição pedagógica brasileira, segundo Vidal e Paulilo” (p. 21). *Introdução do Ensino da Escola Nova* propõe repensar e reformular o modelo educacional existente à época, a partir de concepções filosóficas que têm a Europa e os Estados Unidos como referência, e constituiu-se como um empreendimento intelectual de grande alçada. Sua permanência no cenário cultural e pedagógico do país não apenas diz sobre o lugar privilegiado de seu autor, mas sugere o enfrentamento, por parte de Lourenço Filho, de questões consideradas fundamentais à organização do sistema educacional do país.

Juliana Hamdan resenha *Pela Escola Activa*, obra de autoria de Firmino Costa, que teve especial atuação como educador no estado de Minas Gerais. Segundo Hamdan, esta obra é que “[...] melhor sintetiza as apropriações teóricas e práticas do autor” (p. 46), já que mescla a referência teórica de um conjunto de autores com a experiência no campo

educacional acumulada pelo autor. A ideia central, proposta na obra de Firmino Costa, é de uma escola compatível com o desenvolvimento do país àquele momento, o que estava relacionado aos princípios da escola ativa, defendida pelo autor. Neste sentido, Firmino Costa propõe para o processo educativo a centralidade absoluta na criança, utilizando-se das teorias Dewyanas para comprovar suas hipóteses. A representação do professor primário como jardineiro encontrou defesa em Firmino Costa e a educação, em sua concepção, deveria ter compromisso com a socialização das crianças, garantindo-se experiências significativas, como assinala Hamdan (p. 53). Como em *Introdução do Estudo da Escola Nova*, de Lourenço Filho, a obra de Firmino Costa selecionada aproxima-se dos anseios escolanovistas, tornando-se suporte dos princípios considerados caros aos que acreditavam na transformação da escola pública brasileira.

Marta Maria Chagas de Carvalho, dando tratamento a uma das notáveis produções de escrita de Fernando de Azevedo, *A cultura Brasileira*, inicia seu trabalho historiográfico a partir das contribuições de Carlos Guilherme Motta à discussão sobre o que seria um suposto “redescobrimto do Brasil”, nesses anos da história. Como nas outras resenhas que antecedem, Marta Carvalho procura apresentar o sujeito, o capital cultural e, conseqüentemente, seu lugar de fala dentro desses debates sobre a educação brasileira, a partir do destaque feito à sua importância no cenário educacional brasileiro. A importância de *A cultura Brasileira* é justificada por esta pesquisadora, sobretudo pelo fato de ter sido utilizada como bibliografia de apoio, por pesquisadores, desde os anos 60, marcando significativamente as teses e dissertações a partir do incremento de cursos de pós-graduação nos anos 1970, em particular na Universidade Estadual de São Paulo – USP. Rer *A cultura brasileira* foi um exercício caro a esta historiadora da educação brasileira, especialmente porque, segundo a mesma, é a “[...] obra de referência mais importante para os estudos do chamado movimento de renovação educacional.” (p. 71). A partir de mais um estudo que compõe o primeiro volume da série *Clássicos da Educação Brasileira*, observa-se que o interesse pareceu recair, especialmente, nas obras que, constituindo-se propagandas do movimento renovador educacional no país, procuraram transmitir e desenvolver patrimônio cultural do país.

A tradução realizada pelo padre Leonel Franca, *O Método Pedagógico dos Jesuítas. O “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução*, pode ser incluída no panteão de clássicos da educação brasileira. Dando o matiz dos *Clássicos* resenhados, embora se trate de obra traduzida para o português, a pesquisadora Thaís Nívia Fonseca afirma a condição de *O Método Pedagógico* como estudo crítico, já que a escrita deste padre demonstra seu interesse em elevar a atuação dos jesuítas no Brasil como experiência bem sucedida e que serviria à “educação moderna” discutida, de forma contumaz, àquele momento. Dessa maneira, como expressão da concepção católica de educação, a tradução de Leonel Franca dá o matiz da configuração do campo educacional brasileiro, assinalando para o campo concorrencial de discursos no qual dividem espaço tanto intelectuais leigos como católicos.

A educação brasileira do século XVIII é objeto da escrita de Laerte Ramos de Carvalho, em tese *As reformas Pombalinas da Instrução Pública*, apresentada na ocasião de concurso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1952. Como se pode observar pelo título deste clássico, o interesse do autor recai sobre a experiência educacional brasileira a partir das intervenções de Marquês de Pombal. Quanto aos aspectos da escrita deste clássico, o pesquisador Bruno Bontempi Júnior assinala que, segundo Laerte Ramos, as reformas pombalinas na instrução pública representaram, para além de um programa pedagógico, uma filosofia política que foi expressão de uma época. Reforçando o movimento de trazer à tona um conjunto de obras relegadas ao esquecimento por intelectuais contemporâneos, como assinalam Maria do

Carmo Xavier e Luciano Mendes, ao início do livro, o clássico de Laerte Ramos foi beneficiado dentre aqueles que merecem reconhecimento na historiografia educacional pelo tema que propõe, metodologia que emprega, fontes que utiliza e, sobretudo, pelos sentidos e representações que traz de um sujeito e seu tempo.

Leziany Daniel analisa *Introdução ao Estudo do Currículo da Escola Primária*, clássico de João Roberto Moreira. Segundo a autora da resenha, por considerar que o currículo da escola primária já não correspondia com os desafios da sociedade de meados do século XX, Moreira guardava a preocupação de “[...] construir uma proposta de currículo ‘híbrido’, em que a presença de elementos do currículo tradicional só seriam revitalizados por novos meios e recursos modernos” (p. 122). O elemento central da escrita de Moreira passa, portanto, pela tese de que, no esforço de reformulação do sistema educacional brasileiro, o currículo da escola primária mereceria tratamento, adequando-se à realidade imposta. Discussão reconhecidamente importante àquele momento, e ainda hoje necessária, que inclui reflexão sobre a própria formação da população brasileira via escola, o clássico é colocado, por Leziany Daniel, como precursor das teses levantadas acerca da educação e organização escolar do país. O convite à leitura é instigante no sentido de retomar questões que atravessam o tempo e chegam à atualidade, perpassadas de outras novas questões que, no entanto, guarda em comum o problema da educação escolar brasileira.

Em *Primórdios da Educação no Brasil*, clássico de Luiz Alves de Mattos publicado em 1958, Eliane Marta Teixeira inicia seu estudo com um quadro demonstrando o contexto no qual esta obra foi publicada, bem como os traços da trajetória deste escritor. Empenhado na escrita da história da educação brasileira, Alves Matos divide-a em períodos, denominando aquele compreendido entre 1549 – marcado pela chegada dos jesuítas no Brasil – e 1570, como *heróico*. Referindo-se aos *pioneiros* deste período como aqueles que “lançaram os fundamentos da nossa nacionalidade”, como pode ser lido no excerto da obra destacado por Eliane Marta Teixeira, pode-se observar o enaltecimento que realiza do primeiro período “pós-descoberta” do Brasil. Alves de Mattos assinala a precariedade, àquele momento, de monografias especiais sobre a história da educação brasileira, o que possivelmente justifica seu empreendimento. O clássico, segundo Eliane Marta, foi escrito com sintaxe e vocabulário sofisticados, porém não contém reflexões interpretativas. A reunião de fontes em *Primórdios da Educação no Brasil* demonstra a base do trabalho historiográfico empreendido por Alves de Mattos.

Inserido na série VI, Sociedade e Educação, organizada pelo INEP, *Professores de Amanhã*, de Aparecida Joly Gouveia foi o clássico resenhado por Léa Pinheiro Paixão. Publicado em 1965, “[...] Nele são apresentados resultados de uma pesquisa realizada por Gouveia cuja temática mobilizava o campo da educação e articulava-se a compromissos políticos assumidos pelo Brasil no âmbito internacional” (p. 156). Com uma análise da relação entre a propensão ao magistério e as experiências socializadoras vivenciadas pelas candidatas (especialmente no âmbito familiar), bem como a origem social e o nível de aproveitamento escolar, Aparecida Joly realiza uma exemplar pesquisa de dados quantitativos. Segundo Paixão, uma das possíveis razões que tenham levado o clássico de Joly Gouveia ao esquecimento é o fato de, por alguns anos, no campo da educação, os estudos com dados quantitativos terem sido rejeitados, pois considerados positivistas. O recente retorno da obra de Gouveia talvez produza, junto a outros estudos, influências positivas na historiografia da educação no país.

O piracicabano Luiz Pereira foi referenciado, dentre os autores dos clássicos, por meio da publicação de *A escola numa área metropolitana*. Nas palavras de Marcos Cezar de Freitas, este clássico conserva atualidade, merecendo ser “[...] visto na perspectiva de

uma radicalidade fundamental para a história das ideias do século XX” (p. 176). Sob a influência do sociólogo Florestan Fernandes, Luiz Pereira produz uma escrita interessada, sobretudo, na relação entre educação e desenvolvimento econômico, interessando-se em conhecer as condições sociais que rodeavam as escolas em funcionamento nas regiões pobres de grandes cidades. O clássico traz as marcas da vivência de Luiz Pereira em pesquisas realizadas no âmbito do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, entre as décadas de 1950 e 1960, associando-se ao ânimo de sociólogos e antropólogos envolvidos com o tema da “socialização”.

O último capítulo do primeiro volume dos *Clássicos da Educação Brasileira* foi brindado com a resenha de Maria do Carmo Xavier sobre *Educação e Sociedade no Brasil*, de Florestan Fernandes. Compilando sua produção de escrita entre os anos de 1946 e 1962, o clássico de Florestan Fernandes reúne um conjunto de ensaios interessados na relação entre educação escolar e a experiência da modernização vivenciada pela sociedade brasileira. Xavier destaca que o clássico de Florestan Fernandes discute o lugar reservado à educação escolarizada, apontando a carência desta última em determinados aspectos, bem como a indisposição social para o enfrentamento dos problemas educacionais. Representante da primeira geração de cientistas sociais brasileiros, como destaca Maria do Carmo Xavier, Florestan Fernandes expressou interesse e compromisso com as questões educacionais e sugere que seu clássico tenha causado vislumbre entre os editores de *Educação e Sociedade no Brasil* por “[...] reacender o debate público sobre a construção de um projeto nacional de educação num momento em que o Estado, cada vez mais, dividia com a iniciativa privada a responsabilidade pela oferta da educação escolar” (p. 204). (Re). Ler o clássico de Florestan Fernandes representa, com merecimento, um interessantíssimo convite para a reflexão sobre os problemas educacionais pelo viés da sociologia.

A iniciativa de reunir resenhas sobre produções que marcaram a escrita da educação brasileira é digna de friso por mobilizar diferentes especialistas com trajetórias de pesquisa dedicadas ao estudo destes clássicos e seus sujeitos-autores como caminho para se pensar a escola pública brasileira e seus problemas.